

## A Faculdade do Recife como centro de cultura e coesão nacional

*No dia 11 de Agosto, quando o Brasil comemora a fundação dos cursos juridicos de Olinda e S. Paulo, torna-se opportuno evocar esta magnifica pagina do scintillante jornalista e reputado professor de direito que foi Phae-lante da Camara, sobre o papel que foi chamado a desempenhar na formação da nacionalidade o instituto que foi creado em Pernambuco:*

Proclamada a soberania do Brasil, o primeiro empenho dos fundadores do Imperio foi a escolha de meios politicos e administrativos no sentido de fortalecer o espirito de nacionalidade que viera manifestando-se atravez da litteratura incipiente e dos indeterminados impulsos autonomicos da colonia.

Occupando uma grande area de territorio, desde as florestas do Amazonas até os pampas da provincia Cisplatina, sob o influxo constante de causas heterogeneas formando as idiosyncrasias de aldeias esparsas e os nucleos de interesses locais,

fazia-se necessario um factor de homogeneidade e aggréguação dos elementos nativos.

Esse factor, que eu chamarei o vinculo da nacionalidade, só nos fundamentos de uma educação intellectual, concentrando e fortalecendo as aptidões da juventude cavalheiresca, poderia ser rigorosamente encontrado.

Confiada a educação dos nossos maiores, por longos trezentos annos, aos jesuitas, é obvio que elles, escravizados á monarchia e ao juramento da ordem, não teriam empenho em açular os assomos latentes de autonomia da colonia, quando mesmo os descobrissem nas camadas superpostas de seu sub-solo moral.

O que se fez nesse sentido no Brasil foi o resultado miraculoso de algumas naturezas privilegiadas, que abriram o caminho a golpes de audacia nas rochas vivas dos preconceitos religiosos e dynasticos,

As artes e as sciencias eram prohibidas, como era prohibida a entrada de livros que pudessem instruir os brasileiros, escreveu o velho Mello Moraes, e accrescentou o ardoroso Sylvio Romero:—“Ainda em fins do seculo XVII a indisposição contra o desenvolvimento do Brasil era notoria”.

Podia estender-se a todo territorio colonizado da America Portugueza o que o padre Antonio Vieira dissera em carta a um funcionario em Lisboa:—“No Maranhão ha um só entendimento, uma só vontade e um só poder, e este é de quem governa”.

E se, por excepção, nos vieram do reino governadores letrados como o conde de Assumar e estylistas da feição de Bernardo Berredo, os outros todos, Deus louvado! foram na sua grande maioria, da insolencia tradicional do façanhudo Luiz do Rego, que no dia de sua chegada ao Recife esbofeteou um homem do povo por lhe não haver tirado o chapéo, ou da ignorancia alvar daquelle seu collega do Rio de Janeiro, que nos fins do seculo anterior officiava ao seu governo communicando a vinda de Jacques Coock ao Brasil com o fim de observar a

*estrella do Norte ao travez do polo do meio dia, o que em verdade queria dizer—a passagem de Venus sobre o disco do sol.*

E' exacto que a velha Universidade de Coimbra, o maior centro das letras portuguezas, acolhia os filhos do Brasil que estavam em condições de "gastar 5\$120 em livros de preparatorios, 12\$780 com o pagamento da matricula e 8\$000 réis de mesada—quantias que não eram então exiguas"; mas, em virtude da escassez de communicações e dos perigos das viagens, só os predestinados se abalançariam a tantas aventuras na conquista do pão espiritual.

Depois, se é exacto que a convivencia universitaria proporcionava aos jovens brasileiros a formação de nucleos em que, destacando-se dos collegas reinões, poderiam conservar a religião da patria longinqua, não é menos certo que as normas dominantes de obediencia ao throno e ao papado os trariam presos á acção commum do ambiente.

A' influencia do meio nem o proprio José Bonifacio poudo eximir-se, porque ao sahir da Universidade preferiu ficar no reino, onde exerceu cargo de confiança, e até mesmo á idéa de independencia por muito tempo foi contrario.

Se possuamos tradições nas letras, podemos, no entanto, asseverar que pelo menos até a fundação da Arcadia Ultramarina a literatura brasileira rigorosamente não existiu.

Faltavam-lhe a communhão de vistas, o laço de parentesco, o ar predominante de uma familia espiritual ligada por tendencias uniformes e decisivas.

A *Prosopopeia* de Bento Teixeira Pinto, o illustre pernambucano que teve a honra de ser na ordem chronologica o primeiro literato brasileiro, não é absolutamente "a expressão e o órgão do espirito de nacionalidade que se vae formar".

E' um poema epico em que se allude ao porto do Recife:

Um porto tão quieto e tão seguro,  
Que para as curvas náos servè de muro:

mas onde as bellezas naturaes de Pernambuco figuram somente para dar o tom solenne ao hymno que o poeta offerece ao seu Mecenaz:—

O sublime Jorge em quem se esmalta  
A estirpe de Albuquerque excellente.

Em todo correr do seculo XVI se não encontra nas letras brasileiras cousa alguma que revele a feição nacionalista, a menos que se deseje dar tamanha distincção ás chronicas descriptivas da natureza e do indigena.

Esse enthusiasmo pela opulencia da natureza virgem será no seculo seguinte o thema da inspiração dos escriptores como Gabriel Soares que, sendo portuguez, teve no *Roteiro do Brasil* a intuição de um vidente quando escreveu: *Este reino está capaz para se edificar nelle um grande imperio*—, até se accentuar no colorido vivo e na “expressão systematica” de Rocha Pita.

E’ o tempo do famoso Gregorio de Mattos, em torno de quem deve girar todo o movimento literario da centuria, segundo a opinião de Sylvio Romero; mas, em que pese ao meu douto amigo e mestre que descobriu nas composições d’aquelle cigano genial perfeita harmonia de vistas com o seu meio, Gregorio de Mattos representou no pensamento e na forma do seu estro a poesia portugueza contemporanea, além de lhe terem faltado as tintas de paisagista no lyrismo e largueza de inspiração nas satyras.

No seculo XVIII, a cultura que, obrigada a fugir de Pernambuco, havia pedido hospedagem a Bahia, durante o dominio hollandez, remove-se a principio para o Rio de Janeiro no sequito do vice-rei, e depois, floresce nas fabulosas-terras de Minas Geraes, onde o veio de ouro da imaginação dos seus poetas haveria de offuscar o veeiro das jazidas opulentas.

Ali teve a sua grande projecção a Arcadia Ultramarina a que pertenceram Basilio da Gama, Santa Rita Durão, Claudio Manoel da Costa, Thomaz Gonzaga e Alvarenga



Peixoto; ali viveu pela primeira vez no Brasil uma familia espiritual sob o mesmo ambiente, ainda mesmo que a Arcadia só houvesse existido na imaginação dos seus poetas.

Então, as referencias á terra natal conteem as notas suaves do carinho, as delicadezas da saudade conforme se pode ver nas despedidas de Silva Alvarenga ao seu patricio Basilio da Gama, que ficava em Lisboa:

«Amor, o puro amor do patrio ninho  
Ha muito que me acena.»

No poema de Santa Rita Durão, numa bella synthese da Historia brasileira, Paraguassú, diz, referindo-se as nossas luctas com os holandezes:

«João Fernandes Vieira, foi na empresa  
O instrumento da patria liberdade;»

na epopeia de Basilio da Gama, o indio Cocambo responde ao general portuguez:

«Estendeu entre nós a natureza  
Todo este plano espaço immenso de aguas;»

mas em nenhum dos nossos poetas daquelle periodo o colorido apaixonado nas descrições do Brasil sobrepuja o sentimento da obediencia á metropole.

Enalteciam as joias da terra natal com o mesmo orgulho bairrista com que poderemos actualmente falar das bellezas do Recife e das tradições gloriosas de Pernambuco, sem o mais ligeiro pensamento separatista.

No terreno das luctas civicas deu-se outro tanto.

Desde a guerra hollandeza que se encontra no ar dos nossos campos ou boiando á flór das nossas aguas o espirito da Patria—nas suas diversas nuances locais, — com o desventuroso Manoel Beckman no Maranhão, com os olindenses no mallogrado assomo de Bernardo Vieira de Mello, com os mineiros nas vagas aspirações dos Inconfidentes, que tiveram o seu hymno de immortalidade no estro dulçoroso de Gonzaga,

com os pernambucanos de 1817, — o primeiro movimento nacional que se não perdeu nas teias dos sonhos ou foi nevoado pela bruma das lendas.

No entanto, a verdade é que num e noutro terreno as manifestações autonomicas foram instaveis, na sua maioria, e sem a corrente mysteriosa da solidariedade que vence as distancias no tempo e no espaço.

Não é possível descobrir, nem mesmo atravez do labyrintho das chronicas, o fio ininterrupto que ligue os idéaes da colonia, os propulsores psychologicos da independencia desdobrando-se com pertinacia e sem solução de continuidade nos altos e baixos relevos de trezentos annos.

O que se conhece é o *amen* submisso de todas as capitánias aos actos da metropole, "dotando as filhas dos reis quando se casavam, a titulo de presente voluntario, ou cobrindo-se de lucto quando qualquer pessoa da familia real perecia" e, se de longe, em certo ponto do territorio, abria-se a cratera da ira popular, logo as outras capitánias apresentavam-se para offerecer ao rei e aos seus prepostos os tributos de vassallagem.

Proclamada, portanto, a independencia do Brasil, num conluio em que a dynastia rainante exigiu e obteve a parte do leão, era obvio que, ao menos dahi por diante, se procurasse dar cohesão e largueza aos idéaes de patria, que até então haviam constituido apenas o glorioso patrimonio de alguns sonhadores.

Sob tres aspectos apresentava-se, nas suas relações geraes, a consciencia do povo brasileiro, no momento da sua independencia:

1) considerado em suas fronteiras em face de outros povos;

2) considerado como vontade collectiva em face dos individuos;

3) considerado na unidade de sua vida, em face dos interesses oppostos da sociedade que o constituia.

Ou em outros termos, para fallar com Hertzendorff, esses tres aspectos da consciencia popular impunham immediatamente ao novo Estado um triplice *desideratum*: a organização de um poder que mantivesse em attitude respeitosa as

nações estrangeiras; a asseguaração da liberdade por meio da ordem jurídica, impedindo que o individualismo suplantasse o regimen prescripto para a vida commum: a administração da cultura no intuito de garantir a coexistencia das classes sociaes em meio á luta dos interesses.

Se o primeiro ponto era inadiavel, os outros dois eram urgentes. Vencida a resistencia desesperada do general Madeira na Bahia, tendo o Norte adherido á causa triumphante e afastadas em Montevidéo as ultimas reluctancias do general Souza de Macedo, a independencia do Brasil podia-se dizer feita.

Dali por diante o seu reconhecimento official teria de ser pleiteado nas chancellarias da Europa e dos Estados Unidos, emquanto os legisladores nacionaes, vendo-se forçados pela pressão das circumstancias a determinar que ficassem em vigor provisoriamente as leis portuguezas, cogitavam da criação de escolas superiores em que o ensino do Direito fosse distribuido á juventude futura.

Desse empenho vigoroso e constante surgiu, depois de varios protestos, desde a Constituinte, a lei conhecida nos annaes brasileiros pela expressiva antonomasia—de *lei dos cursos juridicos*,—promulgada a 11 de agosto de 1827, ou no mesmo anno em que as armas do Brasil haviam soffrido o seu primeiro revez nos campos de Ituzaingo e defronte da ilha de Martim Garcia.

E não é sem proposito que accentuo a coincidencia.

Segundo Armitage, aquelles insuccessos produziram os mais satisfactorios effeitos na ordem civil, desanimando as vocações militares e abrindo as portas das outras carreiras á geração nova, tal como se deu em nossos dias após os desastres emocionantes de Canudos.

A medida estava, portanto, de accordo com a successão dos acontecimentos e a psychologia nacional, realçando ainda mais o facto de terem sido escolhidos para servir de séde aos promettedores centros intellectuaes duas cidades em evidencia—a de S. Paulo—celebre pelo grito do Ypiranga e pelo rénome dos Andradas—e a de Olinda—viveiro de patriotas, onde na religião do martyrio a mocidade brasileira viria aprender tambem a lithurgia do civismo.

Os dois cursos tornaram-se desde logo vestibulos do parlamento, e sobretudo, nos corredores do velho pardieiro beneditino, na formosa *Marin*, crearam as remiges e vestiam a regia plumagem as aguias do 1.º reinado.

A's primeiras turmas que dalli saíram, tendo obtido o fermento do espirito na combinação bizarra das institutas com as theorias do *Contracto Social*, pertenceram Souza Franco, Sinimbú, Cotegipe, Euzebio, Zacarias, Ferraz, Teixeira de Freitas, Nabuco de Araujo, Penedo, Paula Baptista, Nunes Machado e Urbano Sabino.

Nos dois primeiros decennios de vida, ou porque a pressão da atmospherá nacional não admittisse os passatempos da litteratura academica, ou porque o romantismo victorioso lá fóra não houvesse encontrado o espirito da juventude em condições de recebê-lo, ou porque não estivesse desenvolvido o gosto das tertulias á falta de terreno proprio, o certo é que a mocidade se contentava em redigir folhas politicas em que, ás vezes, de envolta com as graves dissertações juridicas e as theses constitucionaes, irrompiam as chispas do jacobinismo.

E a proposito daquelle periodo inicial disse Joaquim Nabuco—esse grande pernambucano que em meio da nossa decadencia deve ter pelo menos o valor das joias de familia na casa dos fidalgos arruinados: «Na Inglaterra as associações de estudantes discutem as grandes questões politicas, votam moções de confiança, destróem administrações como faz o parlamento. Gladstone nunca tomou mais a serio os grandes debates da Camara dos Communs do que os da União de Oxford, quando propunha votos de censura ao governo de Wellington ou ao de Lord Grey. Em Olinda não havia esse simulacro em que se formam os estudantes inglezes; os academicos exercitavam-se para a politica em folhas volantes que fundavam».

Em breve, porem, desapparecendo o acanhamento dos que haviam sahido pela primeira vez da sua aldeia natal, estabelecidos os laços instinctivos da camaradagem numa cidade pequena em que, na expressão espirituosa do Barão de Penedo, conheciam-se por assim dizer quasi todos os moradores a começar do chantre da Sé; dominando as ruas a ti-

tulo de corpo academico; residindo em grupos nas vivendas alegres onde a ave satanica da troça fazia o ninho, formou-se o espirito de corporação que lhe imprimiu, desde os primeiros albores, a linha irreductivel de superioridade.

A maior *colonia* da Faculdade naquelle periodo era a da Bahia, circumstancia que é digna de ser mencionada, se attendermos á fama dos seus estadistas nos ultimos quarenta annos do Imperio.

Outro facto que não deve ser desprezado é a modificação da politica do paiz, desde que começaram a influir nella os primeiros laureados pelas Academias nacionaes.

E' que, se a feição da Escola de Olinda foi exclusivamente politica nos seus dois primeiros decennios de vida, o que deveria ser fatal naquelle periodo de fermentações exaggeradas do nativismo, em todo caso a disciplina do Direito que os mancebos ali receberam, lhes serviu ao mesmo tempo de contra-vapor.

Preparados nos cursos juridicos os primeiros estadistas genuinamente brasileiros, vencidas as crises nacionaes da Regencia e primeiros tempos da Maioridade, chegou a vez da phase puramente litteraria que teria de imprimir os traços nacionalistas ás nossas letras, libertando-nos da exclusiva influencia portugueza.

O romantismo vencedor no velho mundo possuia o folego de que a campanha precisava.

Encetado o movimento no Rio de Janeiro por Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias e outros proceres, em breve transpoz os humbraes das jovens academias. Na do Sul teve a sua maior focalização em Alvares de Azevedo, José Bonifacio, Aureliano Lessa que, aliás, veio receber o gráo de bacharel no velho mosteiro de São Bento; e na do Norte encontrou cultores do valor de Franklin Doria, Pedro de Calazans, Dias Carneiro, Trajano Galvão, Gomes de Castro e Costa Ribeiro.

E' certo que o autor da *Lyra dos Vinte Annos*, pelo exotismo de algumas das suas composições, pelo infortunio de sua morte em pleno vigor das esperanças, e, sobretudo pelos vãos do seu genio, se tornou a figura primacial daquele movimento academico; mas é preciso não esquecer que,

se os poetas da Paulicéa foram subjectivos e descrentes, ostentando com exaggero as mais das vezes o gosto pelas exquisitices geniaes de Byron, os de Recife, bem ao contrario, foram objectivos, procurando os themas nos quadros campestres, nas lendas, nos costumes, o que deu aos seus versos os tons quentes da cor local.

No decennio seguinte o Recife pôde gabar-se de ter sido o monopolizador das letras indigenas, inaugurando sob os auspicios de Tobias e Castro Alves a phase hugoana ou condoreira, os dois, por assim dizer, tangendo as lyras á bocca do vulcão que se abriu de repente com a guerra do Paraguay, ou iniciando com o inditoso Celso de Magalhães e Sylvio Romero o periodo aureo do criticismo academico com amplitude ainda não vista nas escolas e com um accentuado sabor de nacionalismo.

Por ultimo vieram os tempos de Tobias Barretto no corpo docente da Faculdade, reduzindo os velhos manipanços da philosophia ás verdadeiras proporções e injectando nas veias do Direito o sangue do heckelismo, acompanhado com entusiasmo por um grupo de jovens, dos quaes o campeão foi Martins Junior, tudo isto enriquecido hoje pelos estudos systematicos de Clovis Bevilacqua, que é actualmente no Brasil a voz mais autorizada em letras juridicas.

Nos quatro decennios ultimos o Recife foi incontestavelmente o maior centro da cultura nacional, graças á Escola de Direito, que ao paiz tem dado os seus grandes homens.

Daqui sahio a nova orientação do Direito com o grito de revolta do autor das *Questões vigentes*; daqui fez seu rumo o prodigioso Sylvio Romero, levando as suas opiniões que elle espalhou no solo intellectual do Brasil como a grande sementeira de idéas novas; daqui sahiram os quatro juriconsultos que em periodos successivos do Imperio e da Republica foram encarregados da majestosa construcção do nosso Codigo Civil, atravez da qual se pode ver o gráo das nossas aptidões juridicas e o desenvolvimento da cultura nacional.

Do alto de oitenta annos, quasi, de vida, a famosa Faculdade Juridica do Recife, voltando para o passado as vistas, descobre no caminho percorrido ou a flammula das suas

idéas ondulando ao longe ou a physionomia dos que daqui sahiram caracterisando as épocas e imprimindo relevo indelevel aos acontecimentos.

E se descer ás camadas subterraneas do caminho percorrido verá que não foi somente, como a primeira vista resalta, um propulsor das idéas, foi tambem o maior vinculo de solidariedade nacional, a escola de civismo em que o espirito immanente da Patria se tornou coheso e systematisado, o templo em que as gerações em flor vieram aprender, numa grande communhão de vistas, a oração *pro patria*.

Na *Memoria Historica* da Faculdade, correspondente ao anno de 1903, eu disse:

“Antes da independencia e até mesmo após o 7 de abril o norte era um amontoado de populações esparsas tão longe uma da outra como as tribus africanas que têm de permeio o deserto. Foi o predominio intellectual deste centro que conseguiu humanizar os costumes, estabelecendo a corrente de sympathias e a permuta civilizadora das idéas. O proprio character pernambucano modificou-se profundamente.”

E falei no character pernambucano muito de proposito, porque se Pernambuco foi a primeira das terras policiadas do Brasil, policia, é claro, no dizer de Oliveira Lima, “no sentido largo e classico da palavra—de aperfeiçoamento, fartura e segurança—a policia das Ordenações Affonsinas, dos Quinhentistas e do Padre Antonio Vieira”, foi ao mesmo tempo theatro de lutas intestinas e odios accesos entre as oligarchias absorventes e as diversas classes do povo.

Todos conhecem a tradicção predominante de algumas familias pernambucanas no decurso da historia, todos exaltam os nossos impulsos de independencia; mas não me foi dado ainda ver o estudo comparativo da antinomia, a distribuição das causas geradoras dessas duas correntes que, desdobrando-se em terrenos oppostos, ás vezes confluem e se despenham juntas no oceano dos interesses collectivos.

Viveu aqui sempre o espirito da democracia batendo-se em duello com o feudalismo dos senhores de engenho.

Vencedor na capital, esse grande aneio de liberalismo sentia-se murado pelos ricos proprietarios agricolas, que havendo construido o seu ninho de falcão, como os antigos no-

bres medievas, no alto das collinas, dominavam as pequenas aldeias num longo circuito.

Depois nos primeiros dias da Regencia, foi triumphante no Recife a desordem.

Na *setembrizada*, batalhões assenhoream-se da cidade, arrombam as portas dos armazens a golpes de machado e arvoram em toda parte a bandeira do saque; e, como si isto não fosse bastante, em abril do anno seguinte sublevam-se os reaccionarios do Recife, auxiliados por fortes contingentes da tropa, refluindo, depois de feroz morticínio, para o interior da provincia, onde a sublevação se metamorphosêa na guerra dos cabanos.

Numa situação dessas, mais de quinhentos rapazes reunidos quotidianamente sob o mesmo tecto, forte pela disciplina intellectual e pelo espirito de corporação, não poderiam deixar de influir na reforma dos costumes, influencia que iria accentuando-se á proporção que cada um delles voltasse aos lares, como os circulos concentricos occasionados por um projectil arremessado ás aguas vão augmentando á medida que se afastam.

A noção da Patria refundiu-se, alargou-se com o catecismo do Direito, do Amazonas á Bahia, disse eu no documento citado, e acrescentarei hoje — directamente, pelo vigor dos que daqui foram servir na imprensa, no funcionalismo, na advocacia, na magistratura das provincias, levando os habitos e as lições adquiridas no convivio academico; — indirectamente, por meio das normas que elles depois elaboram como legisladores.

Naquelle centro de instrucção superior desappareciam os preconceitos de raça, as discussões de aldeia, os odios sertanejos, as pequenas intrigas de campanario, e dali, ao menos para o grande numero, a patria começou a ser contemplada num circulo mais vasto.

Daquelle recinto da paz e concordia voltavam aos lares levando, na proporção das forças individuaes, o esmalte das letras juridicas, o disciplinamento das paixões pessoaes e o vinculo da solidariedade que os tornam portadores fecundos de uma grande remodelação no paiz.

Assim, a formosa escola do Recife se constituiu o es-

tuário da civilização nacional; as suas represas alagaram o paiz inteiro, levando-lhe o humus da cohesão cívica; e até mesmo o bergantim das letras palacianas que os mais felizes tripularam na Corte do 2.<sup>o</sup> reinado, fazendo as honras ao *neto de Marco Aurelio*, por vezes andou singrando no remanso daquellas aguas.

E' um paradoxo, talvez, a minha affirmação aos olhos dos que, por ignorancia jactanciosa ou má vontade bairrista, negam o facto; é uma heresia na opinião dos que se habituaram a fazer o catecismo das igrejinhas vencedoras; é um excesso de amor proprio no entender dos que, nascidos na capital do paiz ou arribados ali por circumstancias fortuitas, contestam a supremacia da gloriosa faculdade do Norte na vida intellectual do Brasil.

E' que elles, entendendo tapar o sol, no dizer do poeta, com um apagador de lata de uma igreja, como se a justiça da historia podesse ficar perpetuamente sujeita aos interesses de confrarias, contam com o eclipse dos brios pernambucanos e com o nosso descuido criminoso na defeza do patrimonio que os nossos maiores vieram accumulando lentamente com a religião verdadeira dos stoicos.

Esquecem, porém, o voto insuspeito dos que, disseminados pelo paiz, de um extremo a outro, se lembram de ter deixado aqui os seus penates intellectuaes para onde se voltam sempre no correr da vida, vogando em sonhos no Capibaribe que, ao reflexo de suaves recordações, deve proporcionar-lhes os encantos subjectivos de um rio biblico.

### Phaelante da Camara